

1º ENCONTRO

At 2,1-13 – Pentecostes

- **Situando o texto**

Chegou o dia de Pentecostes, uma festa muito importante para os judeus. O autor dos Atos lembra um momento forte de encontro da comunidade. Devia haver muita gente em Jerusalém. Uma cidade que, naquele tempo, tinha cerca de 60 mil habitantes chegava a receber mais de 125 mil peregrinos nas ocasiões das festas judaicas. A comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus também estava em Jerusalém para celebrar este momento.

Entre as principais festas do povo judeu estão às festas da Páscoa e de Pentecostes. A Páscoa era uma festa dos pastores, que acontecia na primavera e tinha como objetivo pedir a bênção da divindade sobre os animais, suas crias e suplicar a proteção na busca de novas pastagens. A festa de Pentecostes, uma festa dos agricultores e agricultoras, era celebrada sete semanas após o início da colheita. As pessoas ofereciam a Javé os primeiros frutos da terra.

Era um momento de muita alegria, precedido por vários mutirões. Os agricultores e agricultoras juntavam as forças para fazer a colheita da produção de cada família. A colheita era colocada nas eiras, perto das vilas e das roças. As eiras eram um tipo de terreiro batido, como existem em nossas roças ou sítios, para secar café, trigo, soja, arroz ou feijão. Esse ajuntamento dos vários agricultores e agricultoras era marcado pela solidariedade, semelhante aos mutirões que ainda hoje existem em muitas regiões do Brasil.

Com o tempo, a festa da Páscoa foi associada a um acontecimento marcante da história de Israel: passou a lembrar a saída da escravidão do Egito (Dt 16,1-8). E a festa de Pentecostes tomou-se a festa da renovação da aliança de Deus com o povo (Dt 16,9-12). No tempo tribal essas festas eram celebradas nas casas.

Mais tarde, passaram a ser celebradas no Templo (2Rs 23,21-23) e foram transformadas em festas de Peregrinação. Todo o povo era obrigado a ir ao Templo para levar ofertas e cumprir os rituais de sacrifício.

Foi no período do pós-exílio, sob a influência dos sacerdotes e escribas, que a festa de Pentecostes tomou-se a festa da Aliança e da Lei, celebrada no Templo, tendo como intermediário o sacerdote. Naquele tempo havia um sistema de leis, imposto por sacerdotes e escribas, que dividia as pessoas em puros e impuros.

E quem eram os puros? Em primeiro lugar os judeus, que se consideravam escolhidos e abençoados por Deus. Havia também outras exigências, como guardar o sábado, abster-se de comer alimentos impuros, não se misturar com pessoas impuras: não-judeus, pobres, doentes... O simples contato com uma pessoa ou coisa considerada impura era suficiente para deixar o outro impuro. Para a mulher, a situação ainda era mais complicada, pois a menstruação e até mesmo a maternidade a deixavam impura (Lv 12,1-8).

Como a festa de Pentecostes tomou-se a festa da Lei, nem todas as pessoas podiam participar. Só os puros. Muita gente ficava de fora. Os estrangeiros não faziam parte do povo eleito por Deus, viviam uma condição permanente de impureza. Os pobres e os doentes eram vistos como pecadores, pessoas castigadas por Deus (Ex 20,5; 34,7; Nm 14,18; Dt 15,16-20). Contudo, havia um jeito de a pessoa se purificar: ela devia levar ofertas ao Templo e pagar o tributo religioso em dia. Os sacrifícios para a purificação tinham um preço muito alto, dificultando aos pobres o cumprimento da Lei (Lv 12,8; Lc 2,24).

Na época de Jesus a lei do puro e impuro excluía muitas pessoas da participação no Templo e na sociedade. Jesus rompeu com essa lei. Ele começou a conviver com os pobres, doentes, deficientes físicos, estrangeiros, mulheres excluídas... Jesus, com sua prática, volta ao Espírito original da festa de Pentecostes: o espírito de partilha e de solidariedade (Mc 6,34-44). Ele é O messias dos pobres (Mc 1,32-34), que admitiu entre os seus discípulos e discípulas as pessoas excluídas da sociedade.

Após a morte e a ressurreição de Jesus, o seu grupo de seguidores e seguidoras retoma a sua prática de acolher as pessoas rejeitadas pelo sistema oficial do puro e impuro. A comunidade encontra-se numa casa: "Todos eles tinham os mesmos sentimentos e eram assíduos na oração, junto com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus" (1,14). O clima era de tensão e de expectativa. Como dar continuidade à proposta de Jesus? Era preciso continuar o anúncio da boa nova, mas como? Vejamos qual foi a resposta de Deus.

- **Comentando o texto**

Chegou o dia de Pentecostes. Na cidade a agitação era grande. Os peregrinos continuavam chegando, vinham de todas as regiões para celebrar esta festa importante. A nova comunidade: os apóstolos (1,5), Maria, outras mulheres e o grupo dos irmãos de Jesus (1,14), também estavam em Jerusalém. Todos se preparavam para a festa da Lei, porém, aconteceu algo extraordinário... "De repente, veio do céu um barulho como o sopro 'de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo" (2,2-4). Isto aconteceu numa casa, e não no Templo, no espaço oficial dos judeus.

Desde o antigo Israel, a vida estava organizada ao redor da casa; que era a base da sociedade. A casa representava o conjunto de pessoas que dela dependia: esposas, filhos, famílias de diferentes gerações, parentes próximos, escravos e outros trabalhadores contratados. É na casa que se estruturavam as relações de poder, as leis, a organização da produção e a vida social. Nesse ambiente comunitário as mulheres também desempenhavam funções importantes. A casa garantia a vida e a proteção de todos os seus membros.

Com a chegada da monarquia, pouco a pouco, o sistema tribal, centralizado na casa e na aldeia, foi substituído pela corte e pelo Templo, com a exploração por meio de tributos. Esta tendência aumentou com a dominação de outros impérios - Assíria, Babilônia e Pérsia -, especialmente dos gregos. Com eles, implantou-se o

helenismo, um sistema baseado na cidade. A organização da sociedade passou a ter o seu centro na cidade, no comércio, visando sempre mais ao lucro. Isso aumentou a concentração da terra nas mãos de poucos. A grande maioria das camponesas e camponeses perdeu suas terras e sua liberdade por endividamento (Jó 24; Ecl 5,7-8).

Com a dominação do império romano (63 a.C.) aumentou a situação de caos social. No tempo de Jesus a vida de muitas pessoas era insuportável. Crescia dia a dia o número de endividados, empobrecidos e escravizados. As constantes guerras e a luta pelo poder tinham Consequências desastrosas na vida do povo. Como se isso não bastasse, parte das autoridades judaicas fez aliança com os romanos, isso piorou ainda mais a situação. A Lei judaica passou a ser usada para controlar o povo judeu. As festas eram ocasiões para arrecadar tributos. Era preciso resgatar o sentido original da casa e das festas na vida das comunidades.

Pois bem, Atos dos Apóstolos faz um retorno à casa. É no espaço da casa que o Espírito de Deus se manifesta. "Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e se puseram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem" (2,4). O dom das línguas na festa de Pentecostes, como também em outros textos dos Atos, tem um único objetivo: é para o anúncio profético da boa nova (4,8.31; 19,6).

Em seguida, a comunidade deixa o espaço da casa e vai ao encontro da multidão, assumindo assim o sentido original de Pentecostes: a abertura, a partilha e a solidariedade. As reações são diversas: confusão, perplexidade, admiração, "pois cada um os ouvia falar em sua própria língua" (2,6b). O anúncio da boa nova chega às pessoas dentro de sua situação de vida. Todos e todas têm oportunidade de ouvir a boa nova a partir de sua própria realidade. É a Palavra de Deus que faz caminho e se toma vida na vida das pessoas.

Nos vv. 5-11 há uma lista de 12 povos e três regiões; primeiro apresenta os nativos: partos, medos e elamitas. Em seguida cita os habitantes da Judéia, Capadócia, Ponto, Frigia, Panfília e Egito e as três regiões: Mesopotâmia, Ásia e Líbia. E num terceiro grupo

enumera os estrangeiros: romanos, cretenses e árabes. Em Jerusalém encontram-se representantes de muitos povos. Isso deixa bem claro que o projeto de Deus é para todos/as, não tem fronteiras. Todos e todas são convocados/as para ouvir e viver as maravilhas de Deus.

Na festa de Pentecostes, vivida pelas comunidades dos Atos, cada povo preserva a sua cultura e descobre o seu jeito de seguir a prática de Jesus, de conviver no meio dos pobres e oprimidos, vencendo as barreiras que impedem a convivência entre as pessoas. Na convivência solidária e na superação das barreiras entre mulheres e homens de diferentes classes sociais, de vários grupos étnicos, de religião, a comunidade vive a experiência da presença do Espírito Santo.

Mas o que é o Espírito Santo?

• Aprofundando: o Espírito Santo

A palavra Espírito, em hebraico ruah, aparece muitas vezes no Antigo Testamento. No Gênesis pode ser traduzida por sopro ou vento, que possui a força criadora: "A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas" (Gn 1,2; cf. Sl 33,6; Jó 33,4). E o sopro de Javé tanto possui uma força criadora, como também destruidora: "ele matará o ímpio com o sopro de seus lábios" (Is 11,4; cf. Ex 15,8; 2Sm 22,9; Jó 4,9).

Em todas as etapas da história do povo de Deus, o Espírito se fez presente, eis alguns momentos importantes:

— Na criação (Gn 1,2; 2,7);

— Na formação e organização do povo (Jz 3,10; 11,29)

— No período dos juízes e da monarquia, o Espírito era dado aos juízes, reis (1Sm 11,6), especialmente o rei messiânico (2Sm 23,2; Is 11,2), e profetas (Mq 3,8).

— No exílio e no pós-exílio o povo sente a presença do Espírito de Deus dando vida nova, ajudando a refazer as esperanças (Nm 11,17; Zc 7,12; Ez 37,10- 14).

— No pós-exílio o Espírito não era só para as pessoas que tinham algum cargo especial, mas derramado sobre todo o povo (J13,1-2; Is 59,2; Zc 12,10).

Veja que interessante! No Antigo Testamento, a presença do Espírito de Deus tem a função de criar, animar, discernir, profetizar, ressuscitar, libertar e recriar. E estas também são as funções do Espírito no Novo Testamento. O Espírito continua vivo e atuante na vida de Jesus e das comunidades.

E Deus age por meio de pessoas concretas. Jesus, com sua maneira de ser e de agir, cria um novo modo de viver. Ele cria novas esperanças de vida para as pessoas, possibilita à pessoa a volta à comunidade; toca o impuro. "Jesus foi onde ela estava, segurou sua mão e ajudou-a a se levantar" (Mc 1,31). Ele rompe a barreira do isolamento social imposto pela lei do puro e impuro, vive a lei do amor e da solidariedade. Faz a pessoa reviver (Mc 2,5).

A ação de Jesus vai além... ele organiza a comunidade. Na multiplicação dos pães "Jesus mandou que todos se sentassem na grama verde, formando grupos de cem e de cinquenta pessoas. Depois Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando aos discípulos para que os distribuíssem. Dividiu entre todos também os dois peixes. Todos comeram e ficaram satisfeitos... " (Mc 6,39- 42). Na festa da vida todos podem participar.

Jesus, em seu ministério, criou novos espaços para a pessoa viver, restituiu a vida pelo perdão e organizou a partilha. Ele recriou a vida na liberdade (Mc 5,8). Esse modo de agir sem dúvida era inspirado pelo Espírito. O que mais tarde levou os cristãos a dizerem: "Tão humano assim, só Deus". Seu programa de vida foi evangelizar os pobres, proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor (cf. Lc 4,18).

Os seguidores e seguidoras de Jesus, guiados pelo Espírito, percorreram o caminho trilhado pelo Mestre. As primeiras comunidades criam novo espaço para as pessoas: “Pedro pegou a mão direita do homem e o ajudou a se levantar” (3,7). Depois de curado, o homem entrou no Templo. Ele voltou a fazer parte da sociedade. Mas, além de criar novos espaços, a comunidade também precisava de uma nova ordem.

As comunidades se organizaram a partir das casas (1,13; 2,2; 9,36-42; 12,12). Numa casa as pessoas estavam unidas por algum laço de parentesco ou por alguma relação de trabalho ou colaboração. Mas nas casas-comunidades cristãs, pela fé em Jesus, todos/as se consideravam irmãos e irmãs (1,15), sentiam-se acolhidos/as e partilhavam o pão (2,42), eram discípulos e discípulas (6,1), cristãos e cristãs (11,26).

E no livro dos Atos dos Apóstolos os seguidores e seguidoras de Jesus são enviados para anunciar a boa nova, a fim de que as pessoas se arrependam, e cada uma seja batizada “em nome de Jesus, para o perdão dos pecados; depois elas receberão o dom do Espírito Santo” (2,38; 5,31). Para o movimento de Jesus perdoar os pecados é libertar a pessoa, inclusive da escravidão da Lei. É soltar as amarras impostas pela lei do puro e impuro. Isto só era possível mediante a fé em Jesus Cristo e a presença do Espírito Santo. As comunidades entendiam que a morte e a ressurreição de Jesus era uma “oportunidade ao povo de se arrepender e receber o perdão dos pecados” (5,31b).

O movimento de Jesus é um movimento do Espírito: cria, organiza, profetiza, liberta, restaura, produz nova vida... É o Espírito de Jesus que anima e fortalece a vida das primeiras comunidades: “as igrejas gozavam de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo” (9,31; 13,52). As comunidades, sob a luz do Espírito, vão ao encontro de todos: judeus e não-judeus (11,15; 10,44-45.47). A presença do Espírito ajuda na busca de solucionar os conflitos existentes (15,8.28), acompanha os que coordenam as comunidades (20,28): os/as apóstolos/as (5,32; 15,28); as diversas lideranças (6,3), os/as missionários/as (13,4).

Da convivência solidária nasce uma nova experiência do Espírito. Essa experiência possibilita a compreensão da boa nova (2,6). É uma energia vital que põe as pessoas em sintonia com o projeto de Deus e as impulsiona para a missão (2,42-47; 4,32-35; 5,12-14).

Nos dias de hoje, em nossos encontros e momentos de oração, pedimos as luzes do Espírito Santo. Continuamos acreditando na sua força e nos dons que ele nos concede. É na vivência comunitária, vivificada pela força e ação do Espírito Santo, que recebemos forças para enfrentar os desafios e sofrimentos do dia-a-dia. A presença do irmão, da irmã, nos ajuda a viver melhor. O fardo fica mais leve. A solidariedade da comunidade sustenta a missão. Este é o tema que refletiremos no próximo encontro.

- **Curiosidade**

Torre de Babel e Pentecostes: Deus quer a vida na liberdade

Pentecostes nos faz lembrar da Torre de Babel (Gn 11,1- 9). Aparentemente são duas histórias opostas, mas se olharmos atentamente, vamos ver que a mensagem é parecida. Note bem: a construção da torre de Babel foi impedida porque Javé confundiu as línguas dos construtores. Em Pentecostes, todos entendiam a boa nova em sua própria língua. Qual a semelhança entre essas duas histórias?

Era interesse dos dominadores construir um grande império e para isso era necessário unificar a língua, os costumes e a religião. E o povo resistiu, falando em sua língua, e manteve as suas características próprias. E em Pentecostes não houve unidade das línguas, mas sim unidade da compreensão das maravilhas de Deus. Nas duas histórias o povo mantém a sua identidade, língua e cultura. A dominação cultural não faz parte do projeto de Deus. O anúncio da boa nova deve ser vivido dentro da cultura de cada povo.

Texto extraído do livro Atos dos Apóstolos: Roteiros e Subsídios para Encontros – Centro Bíblico Verbo – Paulus - 2011